

## **DONA BENTA: UMA MEDIADORA DE LEITURA EM PETER PAN, DE MONTEIRO LOBATO**

*Dona Benta: a reading mediator in Peter Pan, Monteiro Lobato*

*Patrícia Beraldo Romano \**

**RESUMO:** O artigo em questão pretende apresentar, à luz das discussões atuais sobre mediação de leitura, como a personagem Dona Benta, das obras infantis de Monteiro Lobato, representa uma tipologia de mediação que poderia auxiliar os professores-mediadores atuais. Para isso, utilizamos como referencial teórico Cerrillo, Larrañaga, Yubero (2002), Cosson (2014), Silva (2009), Ceccantini (2009) dentre outros estudiosos. Nossos objetivos são os de apresentar Dona Benta, contadora-mediadora de leitura na obra infantil *Peter Pan* e, a partir de diversos exemplos desse texto, verificar como ela desenvolve competências mediadoras que se revelam no texto infantil lobatiano e poderiam servir de orientação para professores no processo de mediação de leitura na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação de leitura; Dona Benta; Professores

**ABSTRACT:** *The article in question intends to present, in the light of current discussions on reading mediation, how the character Dona Benta, from the children's books by Monteiro Lobato, represents a typology of mediation that could help present day teachers who are mediators of reading. To this end, we use the theoretical references provided by Cerrillo, Larrañaga, Yubero (2002) Cosson (2014), Silva (2009), Ceccantini (2009) among that of other scholars. Our goals are to present Dona Benta, storyteller-mediator in the reading of the children's book Peter Pan, and from the various examples of this text, verify how it develops mediating skills found in Lobato's literature, that could serve as a guide for teachers on the reading mediation process at school.*

**KEYWORDS:** *Reading mediation; Dona Benta; teachers*

---

\* Professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA, Marabá, Pará, Brasil; Doutoranda em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo. Bolsista Pró-doutoral Capes; paberaldo@yahoo.com

A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa preocupação do homem. (Monteiro Lobato in.: “A criança é a humanidade de amanhã”, *Conferências, Artigos e Crônicas*, 1959a, p.249)

## Introdução

Preocupar-se com a educação das crianças tem sido hoje motivo de muita discussão. Parece que houve, por parte de Monteiro Lobato, no passado, preocupação também semelhante. O escritor taubateano da saga do *Sítio do Picapau Amarelo*, em vários de seus livros, procurou dedicar incontáveis páginas às crianças a fim de que aprendessem conteúdos nem sempre muito agradáveis à primeira vista. Ao discutir geografia, história, gramática, matemática e invenções de forma geral, Lobato, com a ajuda de sua personagem Dona Benta, a avó amiga dos livros, da literatura e da sabedoria, apresenta esses conteúdos de maneira agradável suscitando nas crianças do sítio um certo prazer em viajar pelo mundo do conhecimento.

É Dona Benta quem reconta muitas histórias literárias, como a de *Hans Staden*, *Peter Pan* e *Dom Quixote*, sem falar das fábulas que encantam as crianças e lhes despertam a curiosidade para a moral das histórias. É também a avó quem medeia os conteúdos mais “didáticos”, os que aparecem nos livros anteriormente mencionados que tratam de conteúdos considerados “escolares” e que eram, conforme nos informam os próprios leitores de Lobato, bastante maçantes quando tratados pelos professores e muito agradáveis quando tratados por ele/Dona Benta:

O senhor nem avalia como aquele passeio que a Emília fez ao país da gramática foi bom para nós, pois nos ‘livrou’ da enjoadíssima Senhora Gramática, que é toda cheia de bobagens de verbos e não sei mais o quê. Agora o caso é outro, nós aqui só estudamos pelo livro “Emília no país da gramática” em vez de gramática sem país nem Emília (carta de Lucília Alves de Carvalho *apud* DEBUS, 2004, p. 183).

Ou ainda:

Devo dizer-vos quanto têm sido úteis vossos livros, que me têm muitas vezes tirado de sérias dificuldades. Frequentemente quebro a cabeça estudando lições que não há meio de assimilar (11/07/1943 *apud* DEBUS, 2004, p. 184).

Além desses excertos de cartas que tomam Lobato como interlocutor, há outros que tratam de como os leitores aprendem com os textos infantis e com Dona Benta. Algumas dessas cartas trazem Dona Benta como destinatária. Vejamos:

<p>Ilma. Sra. Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e Família. Como vão todos aí? Como vai a Emília Balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça? Diga a esse [sic] amiguinhos meus (menos Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”, (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer –fazer aventuras). Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.</p> <p style="text-align: center;">Maria Luiza</p> <p style="text-align: center;">3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.</p> <p style="text-align: center;">-du- bist- dumm- von</p> <p style="text-align: right;">Maria Luiza</p> <p>(IEB-USP- Arquivo Raul de Andrada e Silva/ Dossiê Monteiro Lobato/Série Correspondência Passiva: Cartas Infantis- Período 1933-1943/Caixa 1/P02-09)</p>	<p>Dona Benta:</p> <p>[...] Sabe uma conclusão que eu tirei? Que a senhora é uma “pedagoga revolucionária utópica possível”.</p> <p>Um momento, já explico. Pedagoga a senhora sabe o que é, por que, se não me engano, foi a senhora mesmo que me ensinou esse termo. Revolucionária, por que o seu “método de camaradagem” não existe ainda no Brasil (talvez mesmo, no mundo). Utópica, por que com a mentalidade dos tais “adultos”, o ensino é uma coisa tão sisuda, tão vital, tão obrigatório, que nos aborrece. O homem só executa bem aquilo que parte de si próprio. Toda coação é contraproducente. O homem é a “Independência ou Morte!” –mas ainda não descobriu disso. (Modesto Marques, Tatuí, 10 de dez. 1945, <i>apud</i> PÁTTARO, 2012, p. 169).</p>
---	--

A primeira carta pertence à garota Maria Luiza Pereira de Lima, residente em Pelotas (RS), então com 12 anos na época em que se correspondia com o escritor. Dona

Benta, considerada destinatária da carta, ganha vida real para Maria Luiza e possui, inclusive, família, lembrada como a turminha toda das aventuras. Além disso, a carta vai endereçada ao Sítio, já que a menina Maria Luiza pede à Dona Benta que avise Lobato, *se ele ao Sítio for* (“for aí”), das suas desculpas pela demora da resposta à carta dele. Vemos assim que imaginação e realidade se fundem, bem ao gosto do que Lobato gostava de fazer com seus textos infantis, considerados didáticos ou não.

Na segunda carta, temos o leitor-mirim Modesto Marques, de Tatuí (SP), demonstrando uma admiração ímpar por Dona Benta como a avó que ensina a partir do prazer. Além disso, o jovem leitor percebe como essa forma de ensinar estava distante da realidade do ensino no Brasil e, ainda, arrisca, no mundo. Somente Dona Benta sabia cativar com seu modo de ser “pedagoga”. Seu método de ensino agradava muito e não aborrecia, ao contrário do que ocorria/ocorre nos bancos escolares.

É a partir da ideia de que Dona Benta é uma exemplar mediadora de leitura para as crianças do Sítio que se configura nossa discussão. Queremos associá-la à figura dos atuais mediadores de leitura e verificar como ela se comporta, assim, em uma das obras infantis de Lobato.

## **1 Os mediadores de leitura: ontem e hoje**

Dona Benta, personagem das obras infantis de Monteiro Lobato, aparece pela primeira vez em *A menina do narizinho arrebitado*, de 1921. Terá vida longa em toda saga lobatiana aparecendo, praticamente, em todas as aventuras. Apenas em *O Saci* (1921), em *Emília no país da gramática* (1934) e *n’Os doze trabalhos de Hércules* (1944) ela terá sua aparição restrita, muitas vezes, a comentários das crianças sobre o que aprenderam com a avó em outros momentos. Em todas as outras obras, ela está presente, seja contando histórias, mediando-as ou mesmo delas participando.

Em especial, aqui nos interessa a figura da avó como mediadora de leitura, seja em obras em que ela é considerada como professora das crianças, caso de *História do Mundo para as Crianças* (1933), *História das Invenções* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *Serões de Dona Benta* (1937) ou nas adaptações de textos literários como

*Aventuras de Hans Staden* (1927), *Peter Pan* (1930), *Dom Quixote das Crianças* (1936), *Histórias de Tia Nastácia* (1937) e *Fábulas* (1943)<sup>1</sup>.

Em todas essas obras a avó aparece como mediadora da leitura do texto literário que as crianças escutam ou como a mediadora do conteúdo de (in)formação que se discute a partir de algum livro que foi lido por Dona Benta e por ela será reproduzido a fim de que as crianças tomem contato com o conhecimento. O intuito final desse papel de mediação parece ser a formação crítica de seus ouvintes. Miriam Giberti Páttaro, em obra que estuda o texto *História do Mundo para as Crianças*, aponta:

Dona Benta assemelha-se a uma professora de outra forma e a outro tipo de professor: apresentando dados e instigando seus ouvintes a refletirem sobre eles. Ela não se preocupa em apresentar dados para que sejam memorizados, mas para que provoquem reflexão sobre as estruturas sociais, seus valores morais, as implicações do progresso etc. (PÁTTARO, 2012, p. 82).

Aqui nos interessa o papel de Dona Benta como mediadora do texto literário, já que, à frente, apresentaremos a figura dela numa tipologia de mediação em *Peter Pan* (1930). Essa figura do mediador de leitura tem sido muito recorrente em tempos de projetos de leitura Brasil afora. Há uma necessidade premente de se formarem professores, bibliotecários e demais profissionais do ensino para serem intermediários entre o texto literário e os leitores.

Muitos profissionais do ensino se consideram mediadores de leitura, mas seriam de fato? O que se entende por mediador hoje? Dona Benta poderia ser resgatada como uma mediadora? Para ser mediador basta ser um animador que vê na leitura uma atividade de lazer? Não concordamos com essa última afirmação bastante praticada em sala de aula e em algumas situações de rodas de leitura.

Acreditamos que o mediador verdadeiro precisa ter intimidade com a literatura de forma geral, canônica e popular, e também precisa se empenhar, cada vez mais, em conhecer, de maneira mais pontual, portanto não superficial, os textos com os quais pensa ser a ponte entre o leitor e o texto literário. Concordamos com o pensamento abaixo do estudioso da leitura Rildo Cosson em artigo intitulado “A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? ”, publicado pela Revista *Nuances*, em 2015.

---

<sup>1</sup> Primeira edição em que aparecem os comentários da turma do Sítio.

Para Cosson, o prazer de ler deve existir, mas ele deve nascer a partir de uma prática séria e comprometida do professor-mediador, que precisa avaliar como executa sua “animação” leitora. Ela deve existir apenas como mais uma das “ferramentas” utilizadas por ele, mediador. Vejamos o que nos informa Cosson (2015, p. 169):

A mediação da leitura literária, portanto, não deve ser reduzida ao sentido comum de animação, como uma atividade a ser desenvolvida apenas por meio da empatia entre um leitor iniciante e um leitor experiente, que não requer nada além do “amor” aos livros ou que não precisasse nenhuma formação específica. Como bem destaca Rechou, “una buena ‘educación literaria’ es la mejor ayuda para la formación lectora y para la fijación del hábito lector”, sendo que para isso “es imprescindible que los mediadores puedan analizar las obras literarias desde los paradigmas teóricos más adecuados em cada situación para realizar la práctica correspondiente (RECHOU, 2012, p. 368-369).

A empatia de que nos fala Cosson acima sugere a “ponte” que se criaria entre a figura do mediador de leitura e o leitor, ponte essa necessária para o leitor, ainda pouco afeito a algumas questões literárias, se aproximar do texto e dar a ele um novo sentido, uma nova leitura que, com o tempo, contribuiria para ajudá-lo a formar o seu próprio repertório de leitura e a sua visão mais crítica de mundo. Assim, como Cerrillo, Larrañaga e Yubero (2002, p. 29), acreditamos que “El mediador es el puente o enlace entre los libros y esos primeros lectores que propicia y facilita el dialogo entre ambos”. Para esses estudiosos espanhóis sobre a mediação de leitura, as principais funções do mediador seriam:

- 1) Crear y fomentar hábitos lectores estables;
- 2) Ayudar a ler por ler;
- 3) Orientar la lectura extraescolar;
- 4) Coordinar y facilitar la selección de lecturas por edades;
- 5) Preparar, desarrollar y evaluar animaciones a la lectura (CERRILLO, LARRAÑAGA, YUBERO, 2002, p. 30).

Criar e instigar hábitos leitores podem ser feitos apenas por um mediador-leitor em potencial. O indivíduo que se considera mediador, mas não é um leitor com repertório estabelecido, praticamente não conseguirá sustentar sua posição quando tiver em mãos obras mais elaboradas da literatura de forma geral. Nesse mesmo caminho de autonomia leitora, o mediador deve instigar nos jovens leitores o desejo de ler apenas pelo desejo de ler, sem que a leitura seja feita apenas por obrigação. Se ele conseguir atingir esse objetivo, muito provavelmente seus ouvintes começarão a praticar a leitura em casa, não apenas no interior da instituição escolar. O mediador deve também ajudar

seus ouvintes a encontrar os melhores textos para a sua idade a fim de que muitos leitores não abandonem leituras por não conseguirem compreendê-las. Se o mediador conseguir conquistar o leitor com seu trabalho, certamente essa questão passará, com o tempo, a se tornar natural para esse leitor. Finalmente, o mediador precisa preparar seu ambiente de mediação, saber dosar a leitura e avaliar se suas estratégias de animação estão ou não funcionando.

Acreditamos que Dona Benta desenvolva todas essas competências nos serões que faz com seus netos nas aventuras do Sítio. Além de avó dedicada e atenciosa, ela é amante da leitura, possui grande biblioteca para a época (primeiros decênios do século XX) e é amiga da sabedoria, do conhecimento e das leituras literárias. É da leitura de textos desse repertório que a avó extrai seus argumentos para convencer as crianças a escutá-la nos serões. Muitas vezes, o desejo por saber coisas ou por ouvir histórias nasce das próprias crianças que já haviam vivenciado esse prazer em outras situações.

Pensamos que Dona Benta possa representar um modelo de mediadora de leitura: leitora perspicaz de todo tipo de texto que caía em suas mãos: literatura, filosofia, história, geografia, ciências de forma geral, jornais da região. Além disso, organiza seus serões de maneira a não cansar seus ouvintes, pois intercala às mediações os quitutes de Tia Nastácia ou mesmo os encerra quando percebe que já são horas de descansar. Isso sem contar as situações em que o processo de mediação passa a ocorrer imbuído de imaginação, como a viagem que todos empreendem no navio “Terror dos Mares” para conhecer um pouco mais sobre a Geografia de maneira mais exemplificativa.

Entretanto, levantamos aqui a seguinte questão: seriam hoje os mediadores, leitores perspicazes e eficientes como Dona Benta? Para ser mediador, atualmente, não haveria a necessidade de se dominar um pouco do conhecimento advindo das novas mídias? Embora, para nós, Dona Benta continue a ser um exemplo ímpar de mediação, acreditamos que os professores-mediadores, infelizmente, em boa parcela, não sejam exemplos de leitores como nossa personagem. Segundo Ezequiel Theodoro da Silva, em texto “Formação de leitores literários”, temos:

No Brasil, a formação aligeirada -ou de meia tigela- dos professores, o aviltamento das suas condições de trabalho, o minguado salário e as

políticas educacionais caolhas fazem com que os sujeitos do ensino exerçam a profissão sem serem leitores. Ou, então, sejam tão somente leitores pela metade, pseudoleitores, leitores nas horas vagas, leitores mancos, leitores de cabresto e outras coisas assim (SILVA, 2009, p. 23).

Não generalizamos a situação, mas entendemos que muitos professores que se consideram mediadores se enquadram na citação acima e fazem da mediação apenas uma situação de animação, sem qualquer seriedade quanto ao texto literário propriamente dito. Também entendemos que, hoje, o que se espera de conhecimento de um professor quanto ao uso de novas mídias é bastante preocupante em relação ao conteúdo que os cursos universitários oferecem quanto a isso: quase nada. O professor precisa dominar novas tecnologias, novas plataformas de ensino, novas ferramentas, mas a universidade sequer se preocupa com a inserção desses conhecimentos no currículo dos cursos de licenciatura. Para Cosson (2014, p. 52), a discussão começaria no nível da própria definição de texto: “Em nossos dias, porém, por força do desenvolvimento das tecnologias e dos estudos sobre a leitura, entre outros, a noção do que é um texto é muito mais ampla”. Enfim, acreditamos que o mediador contemporâneo precise ser uma espécie de Dona Benta das novas mídias: uma pessoa com sólida formação literária e com mínimos conhecimentos de tecnologia da informação para poder compreender as recentes gerações de leitores virtuais.

Ser hoje mediador de leitura requer não ser “cego” em tecnologia e não ter pânico moral, ou seja, não achar que as novas mídias representam uma degeneração e devem ser repelidas e combatidas (SIQUEIRA, CERIGATTO, 2012). O mediador deve saber lidar com o ambiente virtual de leitura, inclusive com os hipertextos que oferecem uma gama de possibilidades ao leitor do século XXI e, assim, saber orientar esse leitor a “se posicionar diante desse mar de informações”. Tudo isso deve conduzir o leitor/ouvinte a se deparar com a qualidade da obra e não apenas com o aparato tecnológico onde ela se encontra (PESSOA, MAIA, 2012, s/p). Vale lembrarmos que as novas mídias ampliam todo e qualquer acesso às informações, mas sem um mediador que auxilie seu público ouvinte o simples acesso não contribui para a aprendizagem desse público.



Dona Benta, se provavelmente pudesse passar de personagem a pessoa, aprovaria todo esse aparato técnico do século XXI, conforme nos sugeriu a série televisiva do Sítio de 2001 a 2007, com a personagem enviando email a Pedrinho em vez de carta manuscrita.

Como ela continua personagem inserida nos textos do início do século XX, vamos verificar, em uma das obras infantis de Lobato, como ela se apresenta como mediadora de leitura de um texto literário. Escolhemos para isso a obra *Peter Pan*, publicada inicialmente em 1930. Nessa obra, consideraremos Dona Benta como avó-contadora-mediadora, não como professora-mediadora, posição que ela parece ocupar nas obras ditas “didáticas”, já citadas anteriormente.

A partir da leitura da obra infantil completa de Lobato, chegamos às seguintes competências de Dona Benta como mediadora de leitura, de forma geral:

- a. Tem noção de que se o que ela conta ou medeia atinge seu público ouvinte;
- b. Não lê somente para si, mas para compartilhar com o outro;
- c. Busca a melhor entonação de voz para dar vida ao que conta/reconta;
- d. Adapta o vocabulário para atingir seus ouvintes;
- e. Apresenta um vasto repertório de leitura o que lhe dá enorme facilidade de lidar com as dúvidas de seus ouvintes;
- f. É sensível quanto a seus objetivos: está sendo ouvida? Compreendida? Há gosto por parte dos ouvintes em relação ao que ela reconta, lê, medeia ou discute?;
- g. Está sempre atualizada e “antenada” com as novidades de seu tempo;
- h. Se, por acaso, desconhecer algo, tem humildade de reconhecer tal situação e procura, rapidamente, resolvê-la indo em busca do conhecimento;
- i. É sensível à dificuldade, muitas vezes, do assunto tratado, ou ao volume de informações apresentadas e, por isso, divide seus serões em vários dias/noites, para não cansar seus ouvintes.

Vejamos como algumas dessas competências se realizam em *Peter Pan*.

## **2 Dona Benta mediadora de leitura em *Peter Pan*, de Monteiro Lobato**

*Peter Pan* foi lançado em 1930, pela Companhia Editora Nacional e seu título completo é *Peter Pan: a história do menino que não queria crescer*, contada por Dona Benta. Essa obra, adaptada por Lobato, foi publicada 28 anos depois que James Barrie escreveu seu texto em inglês. O texto lobatiano apresenta Dona Benta como a narradora da história do menino que não queria crescer para seus ouvintes - seus netos com seus bonecos - que estavam ávidos por conhecer a história que lhes havia sido referida pelo Gato Félix em *Reinações de Narizinho*. Antes de a avó assumir o papel de narradora da história, descobrimos, por intermédio de um narrador em terceira pessoa, que ela não sabia, bem como as crianças, quem era Peter Pan. O que fazer? Como boa mediadora que é, Dona Benta procura a obra, compra-a, faz a leitura e está pronta para recontá-la a seus pequenos ouvintes. Vejamos no texto de Lobato:

<p>Mas quem era Peter Pan? Ninguém sabia, nem a própria Dona Benta, a velha mais sabida de quantas há (LOBATO, 1959b, p. 7).</p>	<p>[...] Dona Benta calou-se, achando que era mesmo uma vergonha que o Gato Félix soubesse quem era Peter Pan e ela não escreveu a uma livraria de São Paulo pedindo que lhe mandasse a história do tal Peter Pan. Dias depois recebeu um livro em inglês, cheio de gravuras coloridas, do grande escritor inglês J. M. Barrie. O título dessa obra era Peter Pan and Wendy. Dona Benta leu o livro inteirinho e depois disse: -Pronto! Já sei quem é o Senhor Peter Pan, e sei melhor que o Gato Félix, pois duvido que ele haja lido esse livro (LOBATO, 1959b, p.7-8).</p>
--	---

No primeiro excerto, podemos perceber que mesmo as pessoas muito sábias e versadas em leituras podem não conhecer este ou aquele livro ou personagem e não há nenhum problema quanto a isso. O interessante é perceber como, geralmente, essas pessoas agem quando são questionadas sobre essas questões que não dominam: buscam adquirir tal conhecimento. E é isso que Dona Benta faz. Admite que deve ler tal texto para poder sanar a curiosidade das crianças. Descobrimos, a partir do segundo excerto,

como funcionava, na época de Lobato, a busca por um livro: o processo de encomenda, por carta, a uma livraria de grande capital, no caso São Paulo<sup>2</sup>.

O pedido leva alguns dias para ser atendido, e quando o livro é enviado, trata-se de uma obra em inglês, para a qual ainda não havia tradução no país. Descobrimos, então, que Dona Benta é poliglota, pois lê a obra toda e está pronta para recontá-la às crianças. Além disso, ela se acha mais conhecedora da personagem Peter Pan do que o próprio Gato Félix, já que ele não teria lido o texto e seu conhecimento seria, portanto, inferior ao dela, que conhecia os detalhes da história a ser contada. Vemos, com isso, que a avó, humildemente, reconhece seus limites e busca superá-los a fim de estar “antenada” com as novidades do seu tempo.

As crianças, depois da informação de que Dona Benta já conhece o texto de *Peter Pan*, pedem que ela comece a contar a história, mas a avó sabe que já era tarde e que uma boa história requer ouvintes descansados. Além disso, um pouco de mais curiosidade é sempre bom, pois aguça o desejo por ouvir com atenção o texto a ser contado. Vejamos no texto de Lobato:

-Se leu, conte, vovó! –gritou Narizinho. Andamos ansiosos por ouvir a história desse famoso menino.

-Muito bem –disse Dona Benta. Como já é muito tarde, começarei a história amanhã, às sete horas. Fiquem todos avisados.

No dia seguinte, de tardinha, a curiosidade dos meninos começou a crescer. Às seis e meia já estavam todos na sala, em redor da mesa, à espera da contadeira.

[...] -Viva vovó! –gritaram os meninos.

-Viva a história que ela vai contar! –berrou Emília. (LOBATO, 1959b, p. 8)

Saber o melhor momento para começar uma história ou continuá-la é sempre importante para um contador e mediador. O público ouvinte precisa receber o texto em doses saudáveis e não em doses cavalares e compete à figura do contador-mediador executar essa competência. Dona Benta, em *Peter Pan*, procura respeitar os horários que ela escolheu para a história e vemos isso em vários outros trechos:

<sup>2</sup> Lembramos que o sítio do Picapau Amarelo não tem espaço físico definido, pode estar em qualquer lugar do Brasil.

<p>Neste ponto Dona Benta interrompeu a história, deixando o resto para o dia seguinte (LOBATO, 1959b, p. 26).</p>	<p>Dona Benta parou nesse ponto, achando que o melhor era também irem dormir. -Pronto –disse ela. O resto fica para amanhã. Agora é cada qual ir para a sua cama sonhar com o Capitão Gancho e o crocodilo (LOBATO, 1959b, p. 45).</p>	<p>Dona Benta interrompeu nesse ponto a história deixando o resto para o dia seguinte. Começaram os comentários (LOBATO, 1959b, p. 58).</p>	<p>-E depois? –indagou Pedrinho. -Depois, cama. Já são nove horas. Para a cama todos! Amanhã veremos o que aconteceu. Pedrinho danou. -É sempre assim. As histórias são sempre interrompidas nos pontos mais interessantes. Chega até a ser judiação (LOBATO, 1959b, p. 76)</p>
--	--	---	---

Vemos com os dois primeiros excertos como é importante o contador-mediador ter controle do tempo de contação e mediação. O terceiro excerto, por sua vez, nos mostra a necessidade de se oferecer algum tempo para se conversar sobre o texto, para compreender o que foi ouvido e partilhar dúvidas e opiniões. Ao dosar a contação da história, Dona Benta, como contadora e mediadora, mantém o nível de curiosidade dos ouvintes sempre em alta e isso os faz esperar, com interesse, pela continuação da história, como podemos perceber no quarto excerto acima.

Um tempo para as dúvidas é sempre importante. Seja ao longo do momento da contação, seja ao final de um serão, como vimos acima. O fundamental é que os ouvintes tenham dúvidas, e que elas sejam sanadas. Esse processo de pergunta e resposta ajuda a formar futuros leitores críticos, objetivo que todo bom mediador almeja alcançar. Parece que, nessa tarefa, Dona Benta também é bastante eficiente, já que sempre procura responder às perguntas que surgem por parte de seus pequenos ouvintes:

<p>-<i>Nursery</i>? – repetiu Pedrinho. Que vem a ser isso?</p> <p>-<i>Nursery</i> (pronuncia-se nârseri) quer dizer em inglês quarto de crianças. Aqui no Brasil quarto de criança é um quarto como outro qualquer e por isso não tem nome especial. Mas na Inglaterra é diferente. São uma beleza os quartos das crianças lá, com pinturas engraçadas rodeando as paredes, todos cheios de móveis especiais, e de quanto brinquedo existe (LOBATO, 1959b, p. 10).</p>	<p>-E que é guilhotina? – perguntou Emília, que pela primeira vez ouvia essa palavra.</p> <p>Dona Benta explicou que era uma certa máquina de cortar cabeça de gente, inventada por um médico francês de nome Guillotin. Isso durante o terrível período da Revolução Francesa, um tempo em que cortar cabeça de gente se tornou a preocupação mais séria do governo. E Pedrinho, já lido na História do Mundo, lembrou que o próprio Doutor Guillotin teve a sua cabeça cortada por essa máquina (LOBATO, 1959b, p. 12).</p>	<p>Nesse ponto Emília interrompeu Dona Benta.</p> <p>-Por que é que os marinheiros gostam tanto de pragas? – perguntou ela.</p> <p>Sempre que numa história aparece um cachorro do mar... -Lobo-do-mar – corrigiu Dona Benta. Os velhos marinheiros são chamados lobos-do-mar (LOBATO, 1959b, p. 37).</p>	<p>Certo sábado à noite estavam todos muito ansiosos à espera de Peter Pan, que saíra pela manhã numa expedição cinegética.</p> <p>-Pare aí, vovó! –berrou Pedrinho. Essa palavra esquisita me deixou tonto. Que vem a ser isso?</p> <p>-Coisa das mais simples, meu filho. Cinegética quer dizer relativa a caçada. Expedição cinegética significa o mesmo que caçada.</p> <p>-Mas se é tão simples dizer caçada, por que vem a senhora com essa terrível complicação? –observou Pedrinho, que era inimigo de palavras difíceis.</p> <p>-Para você perguntar e eu ter ocasião de ensinar uma palavra nova que ninguém aqui sabe. Neste mundo, Pedrinho, precisamos conhecer a linguagem dos pedantes –se não os pedantes nos embrulham. Você já aprendeu o que é cinegético e se em qualquer tempo algum sábio da Grécia quiser tapear você com um cinegético, em vez de abrir a boca, como um bobo, você já pode dar uma risadinha de sabidão.</p> <p>-Vou aplicar esse cinegético já e já – disse o menino, entusiasmado (LOBATO, 1959b, p. 63).</p>
---	---	---	---

No primeiro excerto, temos um vocábulo em inglês que Dona Benta não traduziu, já que seria difícil encontrar um sinônimo em português. A melhor saída para a tradução foi gerar a dúvida. Assim que Pedrinho se depara com a palavra, questiona a avó quanto ao significado e ela se aproveita disso para a explicação e conseqüente tradução. Essa técnica de Dona Benta permite que ela possa utilizar, em outros momentos, a palavra “nursery” já inserida na compreensão dos seus ouvintes.

No segundo excerto, vemos outra competência de Dona Benta. Ao explicar a palavra “guilhotina”, Pedrinho se recorda de que já lera sobre o Doutor Guillotin em outro texto. Isso é importante: que o mediador, com suas informações sobre o texto, traga à tona conhecimentos já adquiridos pelos seus ouvintes a fim de que eles possam estabelecer relações entre o que estão conhecendo e o que já conhecem.

O terceiro excerto é um exemplo da sabedoria de Dona Benta e da atenção que ela dispensa aos comentários e perguntas das crianças e dos bonecos. Ou ouvir Emília usar a palavra inadequada, *cachorro do mar* por *lobo-do-mar*, imediatamente, ela a corrige.

O quarto e último excerto nos mostra o quanto Dona Benta é versátil na sua mediação. Ao recontar a história, ela procura incluir vocábulos novos que despertem a curiosidade dos ouvintes que os desconhecem e, por isso, se incomodam e perguntam. Trata-se de mais uma competência da avó que quer contribuir para que o vocabulário dos seus netos, seus ouvintes, seja ampliado. Algumas escolhas lexicais, como “cinegética”, aparecem propositais, pois propiciam uma conclusão crítica por parte da avó como podemos comprovar no final do trecho.

Finalmente, podemos lembrar que Dona Benta reconta um texto que ela leu. Nesse processo, certamente adapta algumas passagens, caso contrário teria de traduzir, *ipsis literis*, aquilo que estava em inglês. Não é essa a proposta da avó (nem parece ser a de Lobato). Dona Benta busca lembrar as crianças de que ela se pauta pelo texto escrito em inglês por Barrie. Pode até ser que, em alguns casos, ela dê uma explicação própria, mas esclarece que o texto original não fala sobre a pergunta das crianças. Vejamos:

[...]-É que havia entrado pela janela uma pequena bola de fogo.	-Antes morcego seco que morcego vivo – disse Emília. Eu tenho medo de coisas vivas
---	--

<p>-Como havia entrado pela janela, se a janela estava fechada? –berrou Emília.</p> <p>-Isso não sei explicar e o livro inglês nada conta. Mas como fosse uma bola de fogo mágica, o caso se torna possível. Para as bolas de fogo mágicas tanto faz uma janela aberta como fechada...(LOBATO, 1959b, p. 13).</p>	<p>porque mordem; mas das secas, não. E Levemente-Estragado, que é que levou, Dona Benta?</p> <p>-Não sei. O livro não diz. Mas com certeza levou uma bobagem do mesmo naipe –um rato seco, por exemplo (LOBATO, 1959b, p. 70).</p>
---	---

Aqui a importância parece-nos estar nas falas “o livro em inglês nada conta” e “o livro não diz”, o que nos sugere que pode existir um intuito por remeter o ouvinte ao texto original e lembrá-lo de que a resposta dela não consta no texto, é apenas uma sugestão da avó contadora-mediadora.

### **Considerações Finais**

Acreditamos que em *Peter Pan* Dona Benta é capaz de exercer seu papel de contadora-mediadora de leitura. Ela sabe que o texto por ela recontado e mediado atinge seu público ouvinte, já que as crianças se interessam, desde o início, por saber o que ocorre na história do menino que não queria crescer. Ela consegue despertar a vontade nas crianças por ouvir a história e questioná-la quando algo as incomoda.

Preocupada com o vocabulário que usará no reconto da história, a avó busca recursos que acabam por prender a atenção dos ouvintes, como o uso de expressões léxicas desconhecidas que imediatamente “incomodam” as crianças, despertando nelas a curiosidade por saber o que significam. Isso também corrobora a ideia de que ela está sendo ouvida e compreendida, e quando isso desperta algum “ruído”, seus ouvintes se manifestam. É assim que nos parece deve ocorrer um processo de mediação entre o mediador e seu público.

Percebemos que Dona Benta consegue isso em virtude de sua formação: trata-se de uma avó que valoriza o conhecimento, o saber e, em especial, a leitura de textos. Nessa leitura, incluem-se os textos literários. Com Dona Benta como mediadora, resgatamos a importância de textos clássicos para a formação dos leitores e o interesse não apenas pela aprendizagem em si, mas pela leitura de literatura.

Nesse processo, Dona Benta é exemplo de mediadora que lê intensamente, que se “recicla” através de leitura. Alguém que não mede esforços para transformar seus ouvintes em futuros leitores em potencial. Ler em outra língua que não a sua materna ainda agrega a ideia de que a leitura exige esforço e ela o faz pensando em seus ouvintes. Lembramos, aqui, o pensamento de Fernández Paz, reproduzido em texto de João Ceccantini: “Em diversos trabalhos sobre o assunto, [Paz] insiste na idéia de que a leitura não é instintiva, mas, ao contrário, pede uma postura ativa, demanda esforço contínuo, exige um investimento grande, tanto do leitor em formação quanto do mediador” (CECCANTINI, 2009, p. 217).

Finalmente, lembramos que todo esse processo de mediação ocorre em uma família onde a leitura é privilegiada, onde os livros são considerados objetos de valor por conterem conhecimento. É nesse espaço que Dona Benta executa seu papel de mediadora; entretanto, é na escola que os mediadores estão (ou devem estar) mais presentes na vida das crianças, e a avó Benta aqui pode servir de exemplo de mediação de leitura de literatura para muitos professores que desejam fazer alguma diferença na vida de seus alunos-ouvintes.

## Referências

- CERRILLO, P.; LARRAÑAGA, E.; YUBERO, S. *Libros, lectores y mediadores: la formación de los hábitos lectores como processo de aprendizaje*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.
- CECCANTINI, J. L. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, F.; MARQUES NETO, J. C.; RÖSING, T. M. K. *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Globo, 2009.
- DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí: UNIVALI Editora; Florianópolis: Editora UFSC, 2004.
- IEB-USP. Arquivo Raul de Andrada e Silva/ Dossiê Monteiro Lobato/Série Correspondência Passiva: Cartas Infantis- Período 1933-1943/Caixa 1/P02-09.
- LOBATO, M. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959a.
- \_\_\_\_\_. *Peter Pan: a história do menino que não queria crescer contada por Dona Benta*. Ilustrações de André Le Blanc. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1959b.
- PÁTTARO, M. G. *Uma história meio ao contrário: um estudo sobre História do Mundo para as Crianças de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 2012.



PESSOA, A. R.; MAIA, G. G. A leitura e as novas mídias: interações e permanência in *Revista Midiática*, Ano 5, nº 09 – jul-dez/2012, disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/14325w/8194>>, acesso em 28/04/2016.

SILVA, E. T. da. Formação de leitores literários in SANTOS, Fabiano; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Globo, 2009.

SIQUEIRA, A. B.; CERIGATTO, M. P. Mídia-educação no Ensino Médio: por que e como fazer in *Educar em Revista*. Curitiba. Abril/Junho 2012, disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602012000200015>>, acesso em 15/01/2016.

Recebido em: 31/03/2016

Aceito em: 31/05/2016